

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EM FOCO A FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DE PROFESSORES¹

Nathalia Rissane Costa Gomes
Estudante do curso de Pedagogia
Universidade Federal do Maranhão

Lélia Cristina Silveira de Moraes
Prof^a.Dr^a. do Programa de Pós Graduação em Educação
Universidade Federal do Maranhão – UFMA/PPGE

Resumo

Neste estudo discute-se os reflexos da formação de professores na Educação de Jovens e Adultos por meio de uma pesquisa realizada em uma escola da rede pública de São Luís, a qual oferece educação para jovens e adultos. O trabalho fundamenta-se nos estudos de Arroyo (2011), Ramos (2011), Bourdieu (1984), dentre outros. A metodologia adotada foi de cunho qualitativo, em que a análise do ensino-aprendizagem se desenvolveu a partir da relação entre a prática e teoria construída durante a formação docente. Objetivou-se analisar as práticas pedagógicas na sala de aula, compreendendo a relação teórica - prática do professor e como os alunos percebem esse processo em sua aprendizagem. Concluindo que alguns professores em suas práticas não superaram a dicotomia teoria e prática e ainda concebem a Educação de Jovens e Adultos sem considerar o perfil e condições de aprendizagem desse público, refletindo uma formação ainda precária voltada para este campo.

Palavras-chave: Formação docente. Educação de Jovens e Adultos. Teoria - Prática.

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos vem sendo marcada ao longo de sua história pela “indefinição, voluntarismo, campanhas emergenciais, soluções conjunturais” (ARROYO, 201, p. 20). Dessa forma, as políticas voltadas para a EJA direcionaram-se para a escolarização como uma segunda oportunidade para aqueles que não tiveram acesso em determinado tempo, sendo estes considerados, na maioria das vezes, como atrasados, desinteressados dentre outros. Essa visão que se tem do perfil da EJA, segundo Arroyo (2011), é um equívoco que precisa ser superado.

Para tanto, é necessário que o educador de Jovens e Adultos tenha uma formação adequada para esta modalidade de ensino, visto que a EJA é constituída por uma diversidade cultural, econômica e social. Entretanto, segundo Soares (2011), entre os desafios colocados para a EJA, está a configuração do seu campo de atuação, situando nesse contexto a formação do educador. A forma

¹ Trabalho Curricular do Curso de Pedagogia

como o professor transmite o conteúdo revela a forma opressora ou libertadora de seu ensino, influenciando diretamente na aprendizagem e na permanência do aluno na escola, sendo assim, é necessário que o educador de jovens e adultos tenha uma base teórica construída durante o seu percurso acadêmico tendo como principais referências as lutas, os movimentos sociais, a cultura, a experiência e a resistência à opressão. Para além desses elementos, o processo formativo do professor precisa aliar a teoria a sua prática, constituindo-se em fatores indissociáveis.

Com foco nessas questões foi realizada uma pesquisa em uma escola pública situada no município de São Luís - MA, a qual oferta Educação para Jovens e Adultos, objetivando apresentar a realidade de professores e alunos na sala de aula, as análises das práticas pedagógicas e a postura docente, compreendendo a partir daí a relação teórica - prática vivenciada e como os alunos percebem esse processo em sua aprendizagem, tendo como resultados dessa pesquisa a constatação da existência de uma educação concebida ainda de forma bancária e a dicotomia entre teoria e prática.

Educação de Jovens e Adultos – Alguns aspectos da realidade estudada

A pesquisa realizada deu-se em uma escola pública situada em um bairro popular de São Luís – MA. Analisou-se a atuação dos professores na sala de aula em relação aos alunos que estão inseridos nessa modalidade de ensino e o comportamento dos estudantes em relação à prática dos educadores. Para tanto, algumas aulas foram observadas, tais como geografia, física, matemática e artes, considerando a dinâmica de sala, a utilização do espaço escolar, uso de recursos, etc. Todo este conjunto favoreceu a se ter uma visão a respeito da caracterização da Educação de Jovens e Adultos, isto é, como é concebida e desenvolvida nas instituições. Identificar estes atos é de extrema importância para a oferta de um ensino que objetiva a íntima relação entre a teoria e a prática.

A instituição referida oferta o supletivo, composto pela EJA Fundamental e EJA Médio, com alunos entre 15 e 18 anos completos, adultos e idosos, pessoas com deficiências, apenados e jovens em conflitos com a lei. O perfil dos educandos é caracterizado pelo insucesso e evasão escolar no ensino regular, analfabetismo funcional e trabalhadores. Em um primeiro momento foi observada a didática dos professores nas aulas assistidas e, posteriormente, foram realizadas as entrevistas com alunos e professores da rede.

Ao iniciar a entrevista, perguntou-se qual o objetivo do aluno ao ingressar na Educação de Jovens e Adultos e quais os motivos que o levou a inserir-se nessa categoria, tendo como resposta:

“Não consegui concluir o ensino médio na minha outra cidade. Tive que vir embora para São Luís, aí já não dava mais, já era tarde para ficar no ensino médio certo. Ficou faltando o 2º e 3º ano, que agora estou fazendo aqui mesmo. Eu até prefiro aqui, é mais rápido, termino mais rápido, pego meu certificado e procuro um trabalho, aí é mais fácil.” (entrevistado 1).

A partir desta fala, apreende-se que uma das principais causas que permeiam a vontade de concluir a série, por parte de vários alunos, é a questão da profissionalização. O que mais importa neste momento é o diploma para conseguir um emprego, independente de como essa formação se realiza, refletindo em uma formação para o trabalho que passa a significar qualificação profissional. Nessa perspectiva, Ramos (2006) discute a emergência das profissões modernas constituídas em consequência da divisão fabril e social do trabalho, a qual é o ápice da divisão entre trabalho manual e intelectual, afirmando que “do ponto de vista da formação, as profissões passam a ser classificadas de acordo com o seu nível de complexidade que, por sua vez, se relaciona com o nível de escolaridade necessário para o desenvolvimento de cada uma delas”. (Ramos, 2006, p. 34). Assim sendo, na sociedade capitalista, a maioria dos alunos da Educação de Jovens e Adultos buscam um ensino que confere o domínio de um ofício, do que o ato da disciplina e do conhecimento, indo ao encontro do ensino profissional, que classifica os saberes em torno dos certificados e diplomas. É dentro desse contexto que os jovens e adultos buscam mais o diploma que o conhecimento em si, entendendo estes que o melhor desempenho escolar é caracterizado somente por notas boas e a emissão de um certificado. Em torno dessa discussão, Bourdieu caracteriza o Sistema de Ensino, no que diz respeito à relação com a economia:

A característica pertinente do sistema de ensino no que diz respeito à relação que mantém com o aparelho econômico reside (...) no fato de dotar seus produtos, providos ou não de uma competência técnica, tecnicamente mensurável, de *diplomas* dotados de um valor universal e relativamente intemporal. (BOURDIEU, 2015, p. 147).

Quando questionados sobre o desempenho escolar no ano letivo atual, alguns alunos caracterizam da seguinte maneira:

“Esse ano tá bom! Até que eu tô indo bem.” (Entrevistado 2)

“Se tivesse um horário maior para umas matérias aí, eu entenderia melhor.” (Entrevistado 3)

Segundo estes, uma das maiores insatisfações, é o tempo que se destina para cada disciplina. São 05 (cinco) disciplinas por dia, sendo três ou duas horas de aula. Em muitas matérias, como a física, por exemplo, o tempo é mais curto. Ao presenciar uma aula de física, notou-se que em todo um horário foi destinado apenas para responder duas situações-problema. A professora copiou as

questões no quadro e pediu aos alunos que respondessem no caderno. A maioria não conseguiu. Logo, ela teve que retomar alguns pontos da aula anterior, e quando ainda respondia a 2ª questão, o tempo de aula se esgotou. Ao perguntar a um dos alunos sobre a situação descrita, foi respondido:

“A professora entra e já vai colocando atividade. Mal dar tempo de ela explicar e o horário já acaba. Física é muito difícil, tem muito cálculo também. Aí tem que decorar as fórmulas e calcular.” (Entrevistado 4)

Quando questionado sobre a metodologia que a professora utiliza, os posicionamentos são divergentes:

“É legal. Ela explica e se a gente não entender ela explica de novo.” (Entrevistado 5)

“A aula é muito chata. Não dá para entender nada” (Entrevistado 6)

Ao questionar a professora de Física sobre a sua metodologia, esta afirma:

“Me esforço muito para que meus alunos aprendam. Mas a escola não dá condições suficientes para que eu possa fazer um trabalho melhor. Às vezes preciso assumir mais de duas turmas em uma noite só, pois o outro professor falta... e assim vai. Geralmente, os recursos os quais utilizo são o quadro e o pincel. O tempo da aula é curto então não dá pra fazer muita coisa.” (Professora 1)

Durante a observação, foi possível identificar tal resposta na prática, sendo verificado isto em outras disciplinas também. A maioria dos professores acha o tempo insuficiente, além de outras questões, como, recursos, estrutura física, pois às vezes não tem água, a sala encontra-se suja, entre outras coisas. Em diálogo com a direção da escola sobre essas questões, foi declarado que a instituição possui recursos tecnológicos e que estes estão à disposição para uso dos professores em salas de aula.

A percepção dos discentes em relação aos professores da EJA, é que muitos não conseguem tornar a aula mais dinâmica e proveitosa no tempo habilitado, não utilizam o horário de forma adequada, não tem paciência com os alunos e não demonstram domínio de conteúdo, além da falta de organização dentro da sala de aula que alguns não conseguem dominar. Diante disso, é necessário que o professor assuma uma postura que possibilite aos estudantes a apropriação do conhecimento pleno, que, segundo, Rummert (2006), possibilita aos seres humanos se apropriarem das diversas expressões de seu tempo, de forma crítica e que objetive a transformação da realidade daqueles que, de alguma forma, são destituídos de sua própria humanidade pela violência simbólica. No entanto, o que foi observado foram alguns professores que, devido ao cansaço e outras coisas, não conseguem assumir tal postura, e às vezes nem desejam, pois isto implica em uma consciência, sobretudo, política. E quanto a isto, a maioria tem aversão.

Quanto à percepção docente em relação à Educação de Jovens e Adultos, a professora entrevistada, declara que é uma modalidade em que são encontradas pessoas que não tiveram

oportunidade de estudar ou não quiseram continuar com os estudos. A docente ministra aulas tanto no ensino fundamental regular, como na EJA durante a noite e afirma que entrou para completar o quadro de professores e para complementar renda. A maioria dos professores não possui formação continuada por falta de oportunidade, tempo, interesse e outros motivos, não possuindo formação para a Educação de jovens e adultos, apenas licenciatura nas suas respectivas disciplinas.

Este é um problema que deve ser trabalhado através de políticas e ações governamentais que garantam, além da formação básica, a formação continuada para que os profissionais possam desenvolver práticas relacionadas à teoria. A formação continuada, segundo Falsarella (2004), é entendida como um processo que acompanha o professor durante toda a sua vida profissional e como uma forma organizada de aperfeiçoamento que incentive o professor a reflexão de sua prática, bem como a apropriação de saberes. Assim, esta deve complementar e orientar o que foi produzido na formação inicial de forma que possibilite, também, a autonomia docente.

Em relação aos alunos, estes são caracterizados pelos docentes como estudantes que precisam de mais ajuda e apoio pedagógico, no entanto, pelas dificuldades existentes, é mais complexo conceder uma atenção especial. Para os alunos, nem todos os professores tem o interesse em auxiliar aqueles que precisam de mais atenção. Em algumas situações, os alunos que possuem mais dificuldades são tratados já de forma estereotipada, como aquele que não tem preocupação em aprender, que não é esforçado ou possui deficiência intelectual.

O comportamento do educador frente às adversidades que se encontram em sala de aula não é compatível com a teoria concebida pelos mesmos, não existindo uma aproximação da realidade com a atividade teórica. Segundo Pimenta e Lima (2006), a prática é entendida como o desenvolvimento de habilidades técnicas que são necessárias ao desenvolvimento da ação docente, sendo necessário que esta atividade se fundamente em conhecimentos científicos que são adquiridos ao longo da formação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta análise, foi possível apreender as condições comportamentais que geram um tipo de perfil profissional do educador de Educação de Jovens e Adultos. Inferiu-se que a minoria dos docentes não considera as experiências que os alunos trazem como bagagem cultural, enquanto os demais buscam formas alternativas de ensino, ocorrendo quando o educador tenta formas

apropriadas de envolver o conteúdo com a vida real do educando, relacionando fatos e objetos ao dia-a-dia de todos que estão envolvidos na atividade.

Diante dos posicionamentos de alunos entrevistados, compreende-se que estes esperam um maior auxílio e compreensão do professor. Entende-se que isto não significa apenas o ensino de conteúdos, mas uma relação saudável entre ambos. É necessário que o profissional de EJA saiba trabalhar com este público e que entenda as características particulares destes indivíduos, os quais não se assemelham a alunos da educação regular.

De um modo geral, a interpretação das análises registradas nos levou a compreender que o processo de ensino-aprendizagem na EJA concebido nesta escola, ainda precisa sofrer várias alterações que devem acontecer tanto na estrutura pedagógica, como no meio físico da instituição. E isto depende de todos aqueles que estão envolvidos direta e indiretamente neste processo, principalmente na relação entre educador e educando. Durante todo o estudo de campo, buscou-se verificar o comportamento do professor na sala de aula, e verificar se a identidade histórica, cultural e social do aluno é concebida como elemento formador e contributivo para a sua devida formação. E o que se conclui é que ainda é necessária a adoção de uma concepção do aluno jovem e adulto para que isto aconteça de fato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: Diálogos na Educação de Jovens e adultos/ Leôncio Soares, Maria Amélia Gomes de Castro Giovanetti, Nilma Lino Gomes. – 4 ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2011 (Estudos em EJA).

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.

FALSARELLA, Ana Maria. Formação continuada e prática de sala de aula: os efeitos da formação continuada na atuação do professor. Campinas: Autores Associados, 2004. (Coleção Formação de Professores).

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência: diferentes concepções. 2012. Disponível em: <http://www.cead.ufla.br/portal/wp-content/uploads/2013/10/Arquivo_referente_ao_Anexo_V_do_Edital_CEAD_06_2013.pdf> Acesso em 15 de Julho de 2016.

RAMOS, Marise Nogueira. A pedagogia das competências: autonomia ou adaptação? 2 Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

RUMMERT, Sonia Maria. Formação continuada dos educadores de jovens e adultos. In: SOARES, Leôncio. **Formação de educadores de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica: SECAD/MEC: UNESCO, 2006.296 p.

SOARES, Leôncio. Do direito à educação à formação do educador de jovens e adultos. In: Diálogos na Educação de Jovens e adultos/ Leôncio Soares, Maria Amélia Gomes de Castro Giovanetti, Nilma Lino Gomes. – 4 ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2011 (Estudos em EJA)